

Discurso e Literatura surda: efeitos sobre o corpo poético negro e surdo

Heron Ferreira da Silva (UFPI)*

Maraisa Lopes (UFPI)**

Resumo

Esse trabalho justifica-se pela necessidade e pela importância de se analisar, pelo viés da Análise de Discurso Materialista (doravante, ADM), textos da esfera da Literatura Surda, em específico, produções poéticas autorais sinalizadas em gravações audiovisuais do artista surdo, negro e periférico Edvaldo Santos, morador da periferia de São Paulo – SP. Assumimos como objetivo central, compreender que efeitos de sentido são produzidos e circulados por essa materialidade significativa. Desse modo, o processo metodológico do nosso trabalho é de caráter qualitativo-descritivo-interpretativista. Essa pesquisa tem como escopo teórico as formulações de Pêcheux (1995; 1999; 2015), Orlandi (2003; 2005; 2010; 2012; 2017; 2019) e Lagazzi (2011) naquilo que se refere à ADM. A partir de nosso movimento analítico, compreendemos que sua posição enquanto sujeito surdo produtor de sua literatura o faz ocupar um lugar discursivo que gera furos no imaginário social, rompendo com discursos já estabilizados e inscritos em uma prática ideológica ouvintista.

Palavras-chave: Discurso; Literatura surda; Libras; Corpo poético.

Questões iniciais

O presente trabalho se justifica pela necessidade e importância de se estudar e analisar, pelo viés da Análise de Discurso Materialista (doravante ADM), textos¹ da esfera literária. Na perspectiva que trabalhamos, deslocamos a noção de texto analisada historicamente pela linguística, de modo que nesse movimen-

* Mestre em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGEL) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), especialista em Libras com docência pela FAEME e graduado em Letras Libras pela UFPI. Membro efetivo do Núcleo de estudos e pesquisas em Análise do discurso (NEPAD). Servidor público da UFPI, lotado na coordenação do curso de Letras Libras (CCLL), atuando como tradutor intérprete de Libras/Português.

** Doutora e Mestre em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), especialista em Estudos da Linguagem pela Universidade de Mogi das Cruzes (UMC) e licenciada em Letras Português/Inglês pela Universidade de Mogi das Cruzes (UMC) e em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). Líder do Núcleo de estudos e pesquisas em Análise do discurso (NEPAD) e do Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso Materialista e História das Ideias Linguísticas (EntreRios). Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Curso de Licenciatura em Letras-Libras da UFPI.

to ultrapassamos a unidade verbal escrita e ocuparmos um lugar de produção de sentidos na ordem do visual-gestual. Desse modo, o corpo negro poético toma esse lugar para produzir sentidos e (se) significar, sob diferentes possibilidades de leitura, como um sujeito produtor de arte.

Como descrito por Lagazzi (2011), o trabalho de análise discursiva, é sobretudo, produzir efeitos a partir de diferentes materialidades. A propósito, “a imbricação material se dá pela incompletude constitutiva da linguagem, em suas diferentes formas materiais” (LAGAZZI, 2011, p. 276), essas materialidades se relacionam pela contradição, cada uma fazendo trabalhar a incompletude na outra.

Nesse meandro, o objetivo central desse trabalho é compreender, a partir de nossa inscrição teórico-metodológica, os efeitos de sentido produzidos em materiais de Literatura Surda, em específico, poemas autorais sinalizados em gravações pessoais do artista surdo² Edvaldo Santos, conhecido popularmente como Edinho Poesia, negro e morador da periferia de São Paulo – SP. Em meio a isso, se nos coloca a seguinte questão: que efeitos de sentidos são esses materializados na poesia de Edvaldo Santos em meio ao espaço de produção literária? Nessa conjuntura, nosso movimento de investigação se destina a um ponto mais específico: a Literatura Surda, pouco

pesquisada e investigada na perspectiva da ADM.

Sob esse viés de pesquisa, ainda há uma grande escassez de trabalhos que envolvem essa materialidade significativa. Em meio a essa lacuna de pesquisa, compreender, pela perspectiva discursiva materialista, os efeitos de sentidos da poesia em Libras se caracteriza por um rico potencial de análise. Nosso trabalho parte do pensamento de que é possível compreender, dentro do espaço de produção literária, o sujeito surdo discursivizando e ocupando posições ideológicas, constituindo-se na/pela história, pois as palavras não estão diretamente ligadas ao que se diz, elas têm sentidos inscritos pela historicidade e relacionam-se com o trabalho ideológico.

Em oposição à escassez de pesquisas por essa perspectiva teórica, temos um grande acervo analítico a ser investigado. Os sujeitos surdos estão cada vez mais ocupando os diferentes espaços de produção artísticos e culturais na sociedade. Temos, atualmente, uma grande quantidade de poetas surdos produzindo e se significando pela poesia surda. A produção autoral poética em língua de sinais tem grande valor para a construção da cultura e da identidade surda, já que é por meio da poesia surda como artefato cultural de um povo que os sujeitos surdos, um sujeito histórico e diverso³, representam suas lutas e militâncias ao longo das eras.

Diante do exposto, como diz Silva (2020), analisar produções dessa natureza possibilita-nos novas maneiras de ler, pois são poemas que, em sua constituição, gritam por sentidos e pela compreensão dos efeitos produzidos entre interlocutores.

A Análise de Discurso Materialista (ADM) e seus entremeios

Esse trabalho se inscreve na vertente teórica da Análise de Discurso Materialista, tendo como autor fundador o filósofo Michel Pêcheux. Nesse mesmo viés, tomamos como base os estudos propostos por Eni Orlandi, principal autora dessa vertente no Brasil. Em uma conjuntura histórica de institucionalização teórica, a Análise de Discurso vem historicamente ocupar um lugar de necessidade teórica dentro do campo da linguagem, um lugar que visa trabalhar a opacidade da linguagem e evidenciar na materialidade da linguagem a possibilidade para o simbólico, o político⁴, o ideológico. Essa disciplina

[...] ocupa assim esse lugar em que se reconhece a impossibilidade de um acesso direto ao sentido e que tem como característica considerar a interpretação como objeto de reflexão (ORLANDI, 2012, p. 21).

Isso significa que essa disciplina coloca a leitura em suspenso, a leitura não é mais tida como um caminho unívoco,

(de)codificável, mas sim como um gesto de construção teórica e analítica.

Sobre isso, Orlandi (2019, p. 41) destaca que a linha teórica de Michel Pêcheux é uma teoria que

[...] se constrói no entremeio é sujeita a formulações e reformulações contínuas [...] liga a linguagem a ideologia, colocando a questão da constituição do sujeito e da produção dos sentidos.

Essa produção se constitui pela ausência do dito no não dito, a ADM busca investigar na produção discursiva a presença dos sentidos materializados em uma determinada formulação que foram ditos de outra maneira, mas que significam e se (re) significam no espaço simbólico da linguagem.

A partir de determinadas condições de produção, pode-se compreender que não há sentido que não possa ser interpretado, não há sujeito sem ideologia. Ao dizermos algo, já estamos inscritos em um lugar social e histórico que determina o que se pode dizer. Diante disso,

[...] todo texto tem pontos de deriva possíveis, deslizamentos que indicam diferentes possibilidades de formulação. Há textos possíveis nas margens do texto (ORLANDI, 2012, p. 65).

Nessa esteira, Orlandi (2003, p. 17) destaca que “não há discurso sem sujeito, não há sujeito sem ideologia”. Em vista disso, não há como não interpretar, a ideologia se materializa, toma forma pela língua e pelas condições que a cons-

tituem. Logo, esse campo investiga como os sentidos são produzidos pela língua por/para os sujeitos. Desta maneira, por meio da explicação de Orlandi (2003), afirma-se que a ideologia produz

[...] evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência [...] é condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer [...] não há aliás realidade sem ideologia. Enquanto prática significativa, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido [...] pela interpelação ideológica do indivíduo em sujeito inaugura-se a discursividade (ORLANDI, 2003, p. 46).

Em virtude disso, a ADM tem em sua base o conceito de ideologia desenvolvido por Althusser, a partir do qual a linguagem é materializada pelas formações ideológicas, a ideologia é vista como prática de linguagem, não como ocultação. Logo, a ideologia é a relação necessária entre linguagem e mundo, que se materializa na/pela língua, nas palavras dos sujeitos, cabendo à materialidade discursiva possibilitar, pela historicidade, esse espaço de constituição, formulação, ruptura e deslocamento. Conforme Pêcheux (1995), o conceito de assujeitamento se conecta à noção de posição-sujeito no discurso. Ao nascermos já estamos inseridos em um processo discursivo em curso, desse modo, para nos tornarmos sujeitos da língua, precisamos nos submeter a ela para nos subjetivarmos.

Esse sujeito é atravessado por diversas formações discursivas e ideológicas, assim, em uma ambiguidade constitutiva dentro de um jogo simbólico, o sujeito está sujeito à (língua) para ser sujeito da (língua). Um sujeito ao se inscrever na história da língua é assujeitado, isto é, afetado pelos processos de significação sem controle sobre aquilo que diz ou que pensa. A memória discursiva atualiza os dizeres já ditos anteriormente, esse processo é retomando pela língua em um lugar que se faz pela circulação, pois a memória é “aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente” (ORLANDI, 2003, p. 31). Em vista disso, as palavras não significam nelas mesmas, elas apresentam significados esquecidos pelos sujeitos e novas possibilidades de significação, o que possibilita a constituição dos dizeres.

Para Pêcheux (2015), só é possível compreender o funcionamento ideológico em termos de contradição e no funcionamento da língua na luta ideológica, uma vez que a produção discursiva pela linguagem na perspectiva da ADM é entendida como um resultado do trabalho ideológico e não consciente. De acordo com Orlandi (2005), formações ideológicas são um conjunto complexo de atitudes e de representações, não individuais nem universais, que se relacionam às posições de classes em conflito umas com as outras. Na perspectiva da ADM, o sujeito é incluído no jogo de sentidos,

o sujeito que ocupa posições no espaço discursivo é interpelado pela ideologia a partir de conjunturas sócio-históricas diversas para produzir seus dizeres. Para Orlandi (2005, p. 20), o sujeito em ADM passa a ser visto como sujeito da/pela linguagem, “descentrado e afetado pelo real da língua, e pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam”.

É justamente pela língua que os processos de significações ideológicas se tornam possíveis, isto é, a língua da ordem material, da opacidade, da possibilidade do equívoco como fato estruturante, da marca da historicidade inscrita na língua. É a língua da indefinição, do direito e avesso, do dentro e fora, da presença e ausência (FERREIRA, 2010). Segundo Pêcheux (1995, p. 82), para esse domínio disciplinar “o discurso é efeito de sentidos entre locutores”, é prática de linguagem, objeto histórico-ideológico, o qual só pode ser compreendido a partir da análise dos processos de produção.

Conforme Orlandi (2017), o corpo da linguagem já vem significado ideologicamente, todo sujeito que ocupa um lugar social já vem investido de sentidos. Isso quer dizer, entre outras coisas, que o sujeito é social e ideológico, é pelo discurso histórico que ele produz sentidos, tendo sempre brechas, falhas, incompletudes, o possível.

Logo, o sujeito pela falha da língua é interpelado pela ideologia, essa ideologia

se forma por um conjunto complexo de representações que determinam o modo que o sujeito discursiviza. Essa formação ideológica interpela o sujeito enquanto sujeito ideológico, de tal modo que cada um seja “conduzido, sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade, a ocupar o seu lugar em uma ou outra” (PÊCHEUX; FUCHS, 2014, p. 162). Desse modo, a ideologia é parte da constituição do sujeito, ela dá condição para a produção do discurso, em outras palavras, “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia” (ORLANDI, 2003, p. 17). Portanto, a proposta da AD é possibilitar o deslocamento da noção de homem - indivíduo para o de sujeito do discurso, afetado pelo real da língua e o real da história.

Da Literatura surda e do corpo poético surdo

A Literatura surda é uma possibilidade artística e cultural, não seguindo os padrões de uma literatura ligada à textualidade. Essa literatura é a literatura visual, uma literatura que trabalha e se constitui pela arte como artefato cultural do povo surdo. Dessa maneira, a linguagem literária em sinais, mais precisamente no tocante ao povo surdo, é, além de tudo, um processo de construção, um gesto artístico simbólico.

Seguindo esse pensamento, a literatura pode ser qualquer forma de

manifestação que produza sentidos em diversas condições específicas dentro das relações socioideológicas que o discurso possibilita, são corpos em produção que importam para uma determinada cultura e são aceitos por ela como formas de representação. Logo, o corpo pela arte como produção de sentidos da língua nem sempre foi compreendido da mesma maneira. Neckel (2019) explica que

Sendo a arte produção simbólica, a qual, na perspectiva discursiva, é sempre uma “tomada de posição”, marcam-se diferentes dizeres do e sobre o corpo ao longo da história da arte, diretamente ligados às questões sócio-históricas e ideológicas das sociedades e dos sujeitos (NECKEL, 2019, p. 65).

Por esse modo de produção, torna-se possível olhar para os processos discursivos instaurados nesse espaço significante. O corpo poético surdo é uma materialidade significante e produz efeitos. Sob esse mesmo ponto de vista, os sentidos se textualizam pelo corpo poético e se particularizam pelo modo que a língua de sinais se apresenta em um determinado espaço de produção artística no mundo. Pelo plano visual, esse corpo surdo constrói imaginários e retoma dizeres da memória, busca o já-dito, “um corpo se constitui de muitos outros corpos” (NECKEL, 2019, p. 68).

Os elementos pertencentes a esse novo modo de produção se particularizam pela ordem do corpo poético, que, no dizer de Dubatti (2010 *apud* QUEIROZ, 2017, p. 100), “possui uma matéria forma

denominada corpo poético, o qual difere o corpo da realidade cotidiana”. Entrelaçado a isso está o corpo do ator que passa por um trabalho corporal espacial que instala o surgimento da poesia e do corpo poético, transformando o corpo natural-social do ator e a estrutura de tempo-espaço cotidianos na matéria-forma do ente poético.

As reflexões dos autores em torno do corpo poético se tornam relevantes para a esfera dos Estudos Culturais e Estudos Surdos⁵, sobretudo na produção de sentidos. Esses sentidos são atravessados por elementos poéticos inerentes ao corpo do sinalizante surdo, uma vez que são suas manifestações produzidas no espaço de sinalização que constituem e produzem sentidos. Diante disso, a poesia surda é apresentada pelo sinalizantes⁶ a partir de um plano visual espacial, diferindo das línguas orais, uma vez que se utiliza das mãos, da face e do corpo para produzir sentidos e se demanda a visão para percebê-los, isto é, necessita-se do outro corpo falante para acessar o conteúdo.

O corpo poético desse estudo é atravessado por diferentes questões, uma delas é a língua de sinais, uma imbricação material que produz sentidos possíveis no espaço de práticas ideológicas. Olhar para o corpo surdo como identidade diversa em meio a uma ordem social que tenta normatizá-lo é resistir e afirmar sua cultura, língua e identidade. É justamente por meio da língua de sinais

que o sujeito surdo se torna sujeito da língua e do discurso. Esse sujeito, para ser sujeito do discurso, precisa ser sujeito da/pela língua para se significar e subjetivar-se. Em uma conjuntura ideológica que o atravessa, sua construção se dá por meio da diversidade, da língua e da cultura surda.

Por outro lado, o modo de entender a língua de sinais como oposição às línguas orais de prestígio se constituía como uma prática de colonização e apagamento, pois como dizem Medeiros, Dos Santos e Santos (2021, p. 6955), o discurso defendido era de que

[...] a fala pura seria a mais adequada; assim, partiu-se da ideia de que existia uma relação mimética entre a selvageria e a gesticulação, em que a fala sem gesto equivale ao emblema de civilidade.

Desse mesmo modo, a formação ideológica pelo viés clínico e patológico entende que o sujeito surdo necessita ser curado e normalizado pelos aparelhos científicos. Nesse viés, a surdez é vista como falta, falha ou anormalidade, impondo, pelas relações de força e poder, o ato de normalizar, homogeneizar essas pessoas. A partir dessa constituição discursiva, a questão central de nossa pesquisa é o sujeito surdo e sua constituição enquanto sujeito do discurso pautado em processos discursivos ideológicos instaurados socialmente. Os discursos em torno dos textos literários possibilitam explorar os sentidos constituídos na língua e na

história, não pensada como cronologia, mas sim em sua historicidade, nos fatos significados pela exterioridade.

Esse é o caminho do nosso dispositivo teórico e analítico, observar como o Literatura Surda, mais especificamente, a poesia em Libras, se constitui nesse espaço de significação diverso. Nosso movimento de investigação é entender como a Literatura produzida pelo sujeito surdo, através da materialidade significativa poesia, significa discursivamente em um espaço de produção historicamente atravessado por diferentes formações ideológicas e imaginárias.

Aparato metodológico, arquivo e recorte discursivo

A presente pesquisa se inscreve no campo dos estudos da Análise de Discurso Materialista. Por esse viés, buscamos compreender os efeitos de sentido produzidos em materiais de Literatura Surda, em específico, poemas autorais sinalizados em gravações pessoais do artista surdo Edvaldo Santos. Desse modo, a abordagem de nosso trabalho é de caráter qualitativo-descritivo-interpretativista, considerando que não há aplicação, cada análise é uma análise, cada material demanda a constituição de um dispositivo analítico diferenciado. É por isso que na Análise de Discurso não se trabalha sob um viés quanti-

tativo de dados e tão pouco com uma leitura horizontal, automática e objetiva do arquivo.

Nesse meandro, compreendemos que o processo metodológico da ADM não se encontra pronto ou acabado, está sempre em processo de desenvolvimento. Em ADM, o dispositivo metodológico “está em constante reconfiguração, construindo e reconstruindo o seu dispositivo experimental” (PETRI, 2013, p. 41), não se limita apenas ao que está posto, dado na superfície material. Em nossa área, há um movimento peculiar do objeto com a teoria. O analista, em seu trabalho, ao mesmo tempo em que acessa o movimento teórico específico da ADM, alcança também o dispositivo metodológico, isso se dá pelo fato de teoria e metodologia serem elementos inseparáveis.

Para esta análise, nosso arquivo discursivo é constituído por 2 dois poemas gravados e publicados na mídia social intitulada @edinhopoesia⁷, na plataforma *Instagram*. Edvaldo Santos, conhecido popularmente como Edinho Poesia (surdo, negro e periférico), em sua conta pessoal, possui registro da primeira publicação em 17 de setembro de 2018 e atualmente tem 366 vídeos e imagens em seu *feed*⁸. Na figura (1) abaixo, podemos visualizar o perfil oficial com a foto, o nome de identificação, o número de publicações e o número de seguidores.

Figura 1 – Capa da página inicial da rede social *Instagram* de Edvaldo Santos



Fonte⁹: <https://instagram.com/edinhopoesia?igshid=hynuy-4ke7ztsx>

O grande número de seguidores (são aproximadamente 12.600 pessoas que acompanham o trabalho do artista surdo) corrobora nosso interesse em analisar discursivamente suas produções. Todas as suas produções poéticas têm caráter autoral, além de serem traduzidas para o português pelo próprio sujeito. É válido ressaltar que os vídeos possuem recursos visuais/sonoros e são gravados em diferentes ambientes e espaços urbanos /culturais da cena de São Paulo.

Edinho Poesia é surdo de nascença, cresceu em Cidade Ademar, distrito da zona sul de São Paulo. Nesse contexto, formou-se em Pedagogia, atualmente é arte-educador, ator e produtor cultural, além de trabalhar em projetos culturais que visam ao ensino da Literatura Surda como ferramenta de inclusão, de resistência e de transformação social. O poeta, com seu olhar expressivo e com mãos ágeis, é hoje uma referência na comunidade surda, sendo um dos grandes nomes da poesia surda negra no Brasil, principalmente, pelo fato de atuar na

produção e na organização e participação em eventos direcionados a surdos que sofrem pela marginalização e que ocupam espaços periféricos em nossa sociedade.

Os efeitos de sentido produzidos pelo corpo poético negro e surdo

Como sabemos, a ideologia é um ritual com falhas nos modos de individualização dos sujeitos, é o lugar do

possível. De acordo com Orlandi (2003, p. 19), “a língua não existe pois sob a forma de um bloco homogêneo de regras organizado à maneira de uma máquina lógica”. O sujeito é afetado por formas ideológicas que o individualizam e o tornam sujeito do discurso. E é, em meio a essas compreensões sobre o ser sujeito, que remontamos ao primeiro vídeo selecionado para nossa análise: “Muita originalidade com suas tranças”, publicado em agosto de 2018.

Poema 1 – Transcrição do poema “Muita originalidade com suas tranças” em língua portuguesa

“Tranças, tranças, tranças muita força.
Muita originalidade e força em todos
as pessoas com tranças, muita força!
Para todas as pessoas que valorizam a força da raça negra,
vivam aqui a negritude.
A minha negritude surda, resistência.”
(EDINHO, 2018).

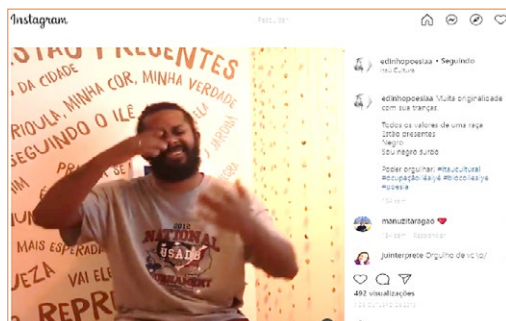
Nessa produção audiovisual, observamos que as formulações de Edinho se centram em questões relativas à negritude surda. No poema, há a retomada de questões próprias às de força e resistência do povo negro. O sujeito que enuncia se filia a uma formação discursiva que retoma a questão da força e da resistência simbolizada pelas tranças em *black power*, *tranças nagô*s, *box braids*, *dreadlocks* e outros penteados que fazem referência às diversas formas de tradição e cultura africana.

Esse corpo diverso que se organiza nessa ordem, significado ao romper com uma formação discursiva e ideológica

normatizadora, homogênea e pautada em princípios etnocêntricos e raciais, é historicamente depreciado e marginalizado pela sociedade. Entretanto, nessa materialidade significativa, esse sujeito é significado por sentidos que falam a partir de um lugar discursivo que defende e que reafirma sua cultura e identidade afro-brasileira. Em vista disso, os trechos sinalizados por Edinho materializam discursos já-ditos sobre a força que o povo negro e surdo possui em meio às opressões, aos castigos e às marginalizações sofridas ao longo das eras em diferentes partes do planeta.

Esse sujeito enunciando a partir dessa posição, materializa, pela poesia surda, discussões sobre a surdez e a negritude. Como diz Orlandi (2003), os sentidos das palavras não estão nelas mesmas, mas sim nas relações que elas estabelecem no mundo em que se inscrevem. O que há nesse processo de construção de sentidos é a repetição “*tranças*”, “*força*”, “*negro / negritude*”, “*resistência*”, que ressoa para novas possibilidades de leitura e interpretação. Esse sujeito se torna sujeito pela língua e os dizeres são retomados pelo discurso em um lugar da beleza negra e da forma como se apresenta a valorização e originalidade das tranças.

Figura 2 – Estrutura visual do poema “Muita originalidade com suas tranças”.



Fonte: Foto retirada do vídeo no endereço https://www.instagram.com/p/Bog5Np_na9Nu-qqUAK-LeDq4_pVZne1StfjYmQ0/?utm_medium=copy_link

Diferentemente do discurso produzido no espaço de competição em *Slam*¹⁰, nas batalhas de poesia, as condições que se apresentam para esse poema são diversas e não regradas como as de um espaço de disputa em batalhas como em outros em

que Edinho participa. Nesse vídeo autoral, o autor surdo, além de produzir efeitos de sentido sobre a negritude e a resistência, marca no fio discursivo a questão da língua de sinais e da surdez. Ao finalizar com “*A minha negritude surda, resistência...*”, o autor faz ressoar efeitos sobre o corpo surdo. Um corpo surdo que pode ser também ocupado pela identidade negra e não mais visto pelo olhar da anormalidade, da ausência da língua. Conforme Orlandi (2003, p. 67), “as palavras refletem sentidos de discursos já realizados, imaginados ou possíveis”.

Nesse recorte, o sujeito diverso desloca-se de dizeres pré-construídos para afirmar seu espaço, cultura e língua. Com isso, o autor, por meio de sua poesia no real da história, se identifica com a formação discursiva que fala sobre negritude e, ao mesmo tempo, no interior dessa formação, a identidade negra surda significa, abrindo para diversas possibilidades de sentido. Sobre esse lugar de prática ideológica, na contramão desse dizer,

[...] há outros que procuram associar sentidos positivos ao corpo negro, como forma de resistência e combate ao racismo dominante (BABI, 2017, p. 96).

Nesse lugar outro, tomado por um corpo negro surdo em um espaço simbólico, se vê a afirmação e busca pela valorização da sua diversidade étnica e linguística, seu discurso é constituído por sentidos que marcam positivamente a estética negra.

De modo semelhante às análises desenvolvidas anteriormente, nosso poema seguinte está no vídeo intitulado *Grita!! Negro Surdo*. O vídeo possui atualmente 2.335 visualizações e 263 curtidas. Produzido e publicado em 10 de novembro de

2020, no segundo ano de mandato do governo Bolsonaro, já num contexto pandêmico de *Covid-19*, o vídeo é mais extenso que os anteriores, com duração de 3 minutos e 57 segundos, dentre os quais selecionamos alguns trechos para nossas análises.

Poema 2 – Transcrição do poema “Grita!! Negro surdo” em língua portuguesa.

18 anos, apenas, que 18 anos, nossa 18 anos!

Não esperava nem os 8.

De repente uma voz na rua nos grita negro! negro! negro! negro!

Por acaso sou negro? Sim!

Que coisa é ser negro?

Eu não sabia a triste verdade que me escondia.

Negro, como eles diziam.

Negro! Como sou negro! Me grita de novo!

Negro! negro! Negro...

E daí se sou negro?

Amo meus cabelos e meus lábios grossos.

Minha pele pretinha. NEGRO!

Grita de novo! Em todos esses anos,
venho com um peso grande em minhas costas, como pesa.

Tentei ser branquelo.

Ninguém imaginava que não ouço.

Todos estranhavam e sempre levantavam minha cabeça.

Grita negro surdo!

Surdo! Surdo! Surdo!

Todos os dias nas ruas me chamam de negro.

Melhor não ouvir tantas merdas.

Ainda bem que sou surdo.

Grita de novo!

Surdo! Surdo! Surdo!

E daí? E daí? E daí?

Sim, surdo é uma coisa que sou!

Me grita, sou negro e surdo.

Me orgulho de ser negro e surdo.

Somos lindos, negros e surdos.

Vamos gritar nesse ritmo,

Nós avançamos seguramente com negros e surdos!

Sou Negro e surdo!

(EDINHO, 2020).

Focalizando o trecho “*Tinha 18 anos, apenas, que 18 anos, nossa 18 anos! Não esperava nem os 8*”, retomamos o diz Orlandi (2017, p. 94) sobre os imaginários sociais, atravessados pelo (pré) conceito que julga os sujeitos antes de seu conhecimento, marcam e produzem sentidos uma vez que esse processo “não é um processo consciente e o sujeito não tem acesso ao modo como os preconceitos se constituem nele”. Ao dizer “*Não esperava nem os 8*”, podemos notar que os sentidos próprios à marginalização, à exclusão é retomado. Como negro e surdo, em uma sociedade como a brasileira, esse sujeito se coloca como aquele que poderia, inclusive, já ter morrido, já que a cada dia assistimos a mais e

mais mortes de corpos negros e não normatizados.

Em seu poema, o sujeito olha para seu corpo e produz significados pela/na ordem do possível. No que se pensa um sujeito que pode, pela conjuntura social e histórica, não conseguir alcançar a vida adulta e vivê-la como qualquer outro sujeito. O imaginário discursivo, significado pela imbricação material da poesia surda apresentada pelo poeta, gera furos na linguagem, e sobretudo, atravessa a prática ideológica patriarcal, capitalista e branca que olha a negritude como demérito e a surdez como doença grave, significando-as na relação com a não possibilidade de viver, de crescer e de ter uma vida como a de um adulto branco ouvinte.

Figura 3 – Estrutura visual do poema "Grita!! Negro surdo"



Fonte: foto retirado do vídeo no endereço https://www.instagram.com/p/CHbZWVcp0n_WWz2JrbwynQGmGMOHOY2_dZYXDE0/

Quando falamos do “*não esperava*”, apontamos para a retomada de uma memória que significa a vida do negro e do sujeito com deficiência em nossa sociedade como uma não possibilidade. Tal impossibilidade geral tamanho efeito de

sentido que, em seu poema, Edinho afirma “*tentei ser branquelo*”. Parafraseando esse enunciado, tentar ser branquelo pode deslizar para *tentei ser civilizado*, *tentei ser mais aceitável visualmente*, *tentei ser um sujeito aceito pela socieda-*

de. Esse deslocamento de sentidos faz ressoar preconceitos já ditos em outros tempos e espaços. São discursos que tomam o corpo negro e surdo do poeta como sob diversas formas de exclusão e de negação no espaço da arte.

É pela memória discursiva que podemos compreender melhor os sentidos nesse recorte, pois

[...] o sujeito toma a beleza, tradicionalmente associada ao grupo social branco, e a vincula à própria imagem, em decorrência da formação discursiva (materialização da formação ideológica de resistência) em que produz seu discurso (BABI, 2017, p. 97).

O poeta, na produção em análise, reproduz sentidos negativos sobre o apagamento, silenciamento da cor negra, colocando sua identidade étnica em confronto com os padrões de outra ordem, da ordem do branco europeu.

No escopo teórico do discurso, compreende-se que os sujeitos e os sentidos pela linguagem não estacionam em si mesmos, assim, o preconceito

[...] implica em contradições, mais que isso, em um equívoco que se aloja na base da constituição da relação do sujeito consigo mesmo e com o outro (ORLANDI, 2017, p. 11).

Nesse objeto simbólico, a partir das relações de força e poder, o discurso que silencia a negritude pela tentativa histórica de apagar a cor negra é o mesmo discurso inscrito na formação discursiva favorável à normatização dos sujeitos surdos. Um lugar discursivo que busca

apagar o diverso, o distinto, colocando apenas o branco, o “normal” como focos de existência e significação possíveis. Em “*Grita! Negro surdo*”, rompe-se o silêncio sobre diversas questões que os circulam, cerceiam e significam.

Partindo do pensamento da teoria discursiva (PÊCHEUX, 2015) não há dominação sem resistência, pois o discurso de um negro periférico e surdo é marcado pelo discurso da resistência, pois, segundo Hashiguti (2008, p. 71), “não se é sujeito sem ser um corpo que se localiza num espaço e numa história de identificações, estabilizações e deslizos de sentido”. No recorte “*Nós avançamos seguramente com negros e surdos!*”, observamos que esse sujeito ousa, se revolta pela linguagem. Em meio ao processo sócio-histórico que o cerca e o violenta gravemente, o sujeito negro periférico caminha para o sentido da revolta, contra a prática ideológica capitalista opressora e segregadora. Nessa perspectiva, Orlandi (2003) descreve que somos atravessados pelo real da língua, e essa língua textualiza sentidos na ordem do repetível, do sempre já lá, marcando discursos estabilizados na história.

Assim, o sujeito poeta Edvaldo Santos fala de um lugar outro, é na relação com a memória discursiva, que esse sujeito produtor de sua própria literatura, se subjetiva na/pela língua, defendendo o povo negro e se identificando com tal formação ideológica. Sobre esse mesmo

olhar, os sujeitos inscritos em uma formação ideológica de resistência

[...] constitui[em] uma forma de expressar e (res)significar a própria história e identidade, tomando o corpo como espaço simbólico dessa construção (BABI, 2017, p. 97).

O sujeito poeta negro de nossas análises coloca o corpo poético como instrumento de combate ao racismo, encarando os confrontos e tensões históricas impostas ao seu povo.

Lendo Lagazzi (2011, p.100), podemos compreender que “os discursos se entrecruzam, se esbarram e as formulações se abrem em possibilidades de rearranjos significativos”. O sujeito, nesse lugar de (res)significação, produz sentidos, resiste na/pela língua. O sujeito de nossa pesquisa, a partir de nossos recortes, reconstrói a imagem do corpo poeta negro como um objeto simbólico da negritude e da cultura surda. Para resistir e romper com o imaginário discursivo que desloca o negro e o deprecia, esse sujeito necessita se/ser significar(do), não só pela língua, mas também pelas condições de produção, isto é, pelos sujeitos, o lugar e a materialidade significativa de que se apropria, nesse caso, a poesia em língua de sinais, uma materialidade significativa ainda é pouco visibilizada no espaço de produção artística.

Considerações finais

A partir de nosso movimento analítico, compreendemos como/porque Edinho,

em sua posição-sujeito negro e surdo produtor de sua literatura, ocupa um lugar discursivo que gera furos no imaginário social, rompendo com discursos já estabilizados e inscritos em uma prática ideológica ouvintista.

O presente trabalho nos fez perceber que os poemas de Edinho dialogam e são atravessados por imaginários e construções ideológico-discursivas que, somados à significação do corpo, produzem o lugar do possível para a significação dos sujeitos surdos, negros e periféricos como sujeitos de direito, e de direito, inclusive, a significar por meio da Literatura.

Há a projeção de uma imagem desse sujeito na relação com a constituição e reprodução de discursos do domínio da resistência, da luta por romper com aquele espaço negado historicamente, um espaço visto apenas como possível para aqueles que utilizam a língua oral-auditiva. Enunciando a partir da posição de poeta, o sujeito se reconhece enquanto surdo, além disso, se sujeita à língua para se tornar um sujeito discursivo, apontando que essa sujeição à Libras é o que lhe constitui como sujeito surdo e que é a partir dessa possibilidade linguística que se coloca em posição de formular ideológica e discursivamente acerca da língua, cultura e identidade surda.

Deaf Discourse and Literature: effects on the black and deaf poetic body

Abstract

This work justifies itself by the need and the importance of analyzing, through Materialist Discourse Analysis (hereinafter, ADM), texts from the Deaf Literature sphere, specifically, authorial poetic productions signaled in audiovisual recordings by the deaf, black and peripheral artist Edvaldo Santos, resident of the suburbs of São Paulo – SP. We assume as a central objective to understand what meaning effects are produced and circulated by this significant materiality. Thus, the methodological process of our work is qualitative-descriptive-interpretivist. This research has as its theoretical scope the formulations of Pêcheux (1995; 1999; 2015), Orlandi (2003; 2005; 2010; 2012; 2017; 2019) and Lagazzi (2011) regarding the ADM. From our analytical movement, we could understand that his position as a deaf subject who produces his literature makes him occupy a discursive place that generates holes in the social imaginary, breaking with discourses already stabilized and inscribed in a listening ideological practice.

Keywords: Discourse; Deaf Literature; Libras; Poetic body.

Notas

- ¹ Como dizem Orlandi e Lagazzi (2017, p.19), a Análise de Discurso “tem como unidade o texto. O texto não visto como na análise de conteúdo, em que se o atravessa para encontrar atrás dele um sentido, mas discursivamente, enquanto o texto constitui discurso, sua materialidade [...] o texto se constitui em discurso e como este

pode ser compreendido em função das formações discursivas que se constituem em função da formação ideológica que as determina”.

- ² De acordo com os estudos de Quadros (2019, p. 26), trata-se da forma “como se identifica a pessoa que é surda, identificação considerada mais apropriada entre os surdos que usam a língua de sinais”.
- ³ Segundo Lopes (2016, p. 119), o sujeito diverso é do domínio do diferente, é “o sujeito diverso, que rompe com os padrões estabelecidos por um imaginário social acerca do que seja normalidade, tem sido historicamente significado como a pária social, a partir do lugar de exclusão. [...] olhar para o diverso como uma posição possível/passível de subjetivação [...]”.
- ⁴ Político aqui não se refere estritamente ao campo partidário de um sistema de política democrática, o político, no viés da AD, é o jogo pelo qual as palavras se colocam sob os diferentes lugares e posições que os sujeitos se inscrevem nas formações ideológica e discursivas. Está no campo da produção de sentidos.
- ⁵ Perlin e Strobel (2009 p. 25) refletem e definem o conceito de Estudos Surdos que pode ser como “um espaço de investigações que avança em contato com as teorias que os impulsionam. [...] Os Estudos Culturais trazem presentes em educação as descobertas, os valores e mitos culturais surdos. Eles narram e celebram as criações e produções na forma do agir cultural. Assim se permite descrever de outro jeito as nossas posições, nossos procedimentos, nossos empenhos culturais como surdos. Isto, de tal forma que quando atuamos na educação dos surdos na forma como vai se constituindo, na forma como vai desenrolando, motivando a consciência e favorecendo a diferença cultural”.
- ⁶ De acordo com Quadros (2019, p. 26), sinalizante é um termo “análogo a ‘falante’, mas que ‘fala’ uma língua de sinais, ou seja, a pessoa que sinaliza uma língua de sinais”. Podendo ser surdos, ouvintes, familiares e profissionais que trabalham com a língua e com os sujeitos surdos.
- ⁷ Link de acesso a conta de Edvaldo Santos: <https://instagram.com/edinhopoesia?igshid=YmMyMTA2M2Y=>
- ⁸ O feed do Instagram “é o lugar em que você compartilha e se conecta com as pessoas e mostra aos seus seguidores o que é importante para você [...] é uma das primeiras coisas que um visitante vê quando entra no seu perfil”. Disponível em <https://www.mafiadomarketing.com.br/2019/05/01/instagram-o-lugar-em-que-voc%C3%A9-compartilha-e-se-conecta-com-as-pessoas-e-mostra-aos-seus-seguidores-o-que-%C3%A9-importante-para-voc%C3%A9/>

com.br/blog/feed-do-instagram/ Acesso em: 01/08/2022.

⁹ Print de nossa autoria registrado em 01 de outubro de 2022.

¹⁰ *Slam* é um modalidades de competição poética de rua, no qual se tem um plateia e uma banca de jurados avaliando a qualidade do poema, esses poemas precisam ser autorais e com um tempo de apresentação em até 3 minutos. Essa modalidade literária iniciou-se nos espaço periféricos da capital de São Paulo (BARBOSA, 2019).

Referências

BABI, Yanelys Abreu. **A cor da resistência:** os sentidos em torno da negritude no discurso do rap cubano e do rap brasileiro. Tese (doutorado em Estudos Linguísticos). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. São José do Rio Preto, 2017.

BARBOSA, Liége. Movimento Slam no Brasil e no RS: origens, características e dinâmicas das batalhas poéticas de juventude. In: **Anais do VIIIº Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação / Vº Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação**. Canoas: PPGEDU, 2019. Disponível em: <https://www.2019.sbecce.com.br/site/anais2?AREA=13>. Acesso em: 27 out. 2022.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Análise do discurso e suas interfaces:** o lugar do sujeito na trama do discurso. Organon: Rio Grande do Sul, v.24, nº 48, Jan-Jun 2010.

HASHIGUTI, S. T. **Corpo de memória**. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas: Campinas-SP, 2008.

LAGAZZI, Susy R. O recorte e o Entremeio: condições para a materialidade significativa. In: RODRIGUES, E. A.; SANTOS, G. L. dos.; BRANCO, L. K. C. (org.). **Análise de Discurso no Brasil:** pensando o impensado sempre: uma homenagem a Eni Orlandi. Campinas: RG, 2011.

LOPES, Maraisa. O sujeito surdo e a Literatura surda: sentidos possíveis. In: COSTA, G. C. da; CHIARETTI, P. (org.). **Arte e Diversidade**. Vol. 3. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

MEDEIROS, Jonatas Rodrigues; DOS SANTOS, Silvana Aguiar; SANTOS, Edvaldo. O que a poesia surda periférica sinaliza para as políticas linguísticas direcionadas às comunidades surdas? **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v.1 8, n.4, (p. 6952 - 6969, out./dez. 2021). Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/81229> Acesso em: 05 de out. de 2022.

NECKEL, N. Corpo imagem – corpo arte: materialidades discursivas. In: HASHIGUTI, S.T.(org), 1. ed. **O corpo e a imagem no discurso:** gêneros híbridos. Uberlândia: EDUFU, 2019, pp. 61-72. Linguística in focus collection, vol. 12. Disponível em: [www.edufu.ufu.br](http://dx.doi.org/10.14393/EDUFU-978-85-7078-503-9). DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/EDUFU-978-85-7078-503-9> ISBN: 978-85-7078-503-9.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso:** Princípios e Procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2003.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Texto:** formulação e circulação dos sentidos. 2. Ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.

ORLANDI, E. P. **Discurso em Análise:** sujeito, sentido e ideologia. 3. Ed. Campinas, SP: Pontes Editoras, 2017.

ORLANDI, E. P. **Interpretação:** Autoria, Leitura e Efeitos do Trabalho Simbólico. 4.ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

ORLANDI, E. P. Prefácio da edição francesa. In: PÊCHEUX, M. **Análise Automática do discurso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. Tradução: Eni. P. Orlandi e Greciely Costa.

ORLANDI, E. P; LAGAZZI RODRIGUES, Susy (org.) **Introdução às Ciências da Linguagem:** Discurso e Textualidade. Pontes Editores, 2017: Campinas, SP. 3. Ed.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: Estrutura ou Acontecimento**. Tradução: Eni. P. Orlandi. 7.ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Orlandi *et al.* 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014. p. 159-250.

PERLIN, G; STROBEL, K. **Teorias da Educação e Estudos Surdos**. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Florianópolis 2009. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificaca/teoriasDaEducacaoEEstudiosSurdos/assets/257/TEXTObaseTeoria_da_Educacao_e_Estudios_Surdos_pronta.pdf. Acesso em: 10 de out. 2022.

PETRI, Verli F. da S. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da Análise de Discurso. In: **Análise do Discurso em perspectiva: teoria, método e análise**. PETRI, Verli (org.); DIAS, Cristiane. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013. (p. 25-48).

QUADROS, R. M. de. **Linguística para o ensino superior**. Editores Científicos Tommaso Raso, Celso Ferrarezi Jr, - 1 ed.- São Paulo: Parábola, 2019.

QUEIROZ, D. L. **Performances do corpo: o corpo poético no espaço (auto) biográfico**. 2017. Dissertação (Mestrado em Artes) - Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.

SILVA, H. F. da. Análise de Discurso e Literatura Surda: compreensões sobre a produção literária surda. **Cadernos de Linguística**, v. 1, n. 2, p. 01-15. (2020). Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/115> Acesso em 10 out. 2022.